

À misericórdia na Bíblia*

Enzo Bianchi**

Resumo: A misericórdia é uma temática que atravessa toda a Sagrada Escritura. No Antigo Testamento são fundamentais três termos: *rahamim*, (amor visceral), *hesed* (magnanimidade) e *hen* (cuidado, graça, favor). No texto grego quer dos Setenta quer do Novo Testamento as respectivas traduções de *splanchna*, *agápê/eleósi* (amor/compaixão) e *oiktirmós* (piedade) desenham o sentido fundamental com o qual é caracterizado o agir de Deus e de Jesus. Daí poder falar-se em ambos os Testamentos do ser de Deus como misericórdia.

Palavras-chave: misericórdia, compaixão, piedade, ser de Deus, magnanimidade, cuidado.

Abstract: Mercy and mercifulness is a theme one can find throughout the whole of the Holy Scripture. In the Old Testament three terms are foundational for the topic: *rahamim* (deep and profound love up to the entrails), *hesed* (magnanimity/mindfulness), and *hen* (care, grace, favor). In the Greek text of Septuaginta and in the New Testament the corresponding words are: *splanchna*, *agape/eleósis* (love, compassion), and *oiktirmós* (piety). They draw the broad and fundamental picture with which is seen and revealed God's action and Jesus' gestures. Therefore we can say in both Testaments that God's being is mercifulness.

Keywords: mercy, mercifulness, loving care, compassion, piety, magnanimity.

* Traduzido do original italiano por José Carlos Carvalho.

** Prior de Bose.

1. O léxico da misericórdia

A misericórdia, o coração para os *miseri*, é um dos sentimentos principais atribuídos a Deus e prescritos à humanidade em toda a Bíblia. No Antigo Testamento, que a este propósito apresenta uma grande riqueza lexical, é expressa por muitos termos, entre os quais alguns dos mais importantes:

- a. *Rechem-rachamim*, derivado do verbo *racham*, que designa um movimento íntimo, instintivo, causado por um frémito de amor que se torna com-paixão, capacidade de sofrer com alguém, ternura. Trata-se de um sentimento feminino, materno, que nasce das vísceras, da interioridade da mãe que sabe sofrer com o filho presente no seu útero. No grego do Novo Testamento *rechem* é traduzido como *splánchna* e *oichtirmós*.
- b. *Chesed*, do verbo *chasad*, que designa um sentimento ainda mais vasto da compaixão; significa amor, benevolência, bondade, piedade, graça. Em muitos aspetos trata-se de um sentimento masculino. É o termo mais importante para exprimir a misericórdia, porque é um vocábulo relacional, que indica um comportamento: o mostrar amor, o fazer misericórdia.
- c. *Chen*, do verbo *chanan*, que indica um inclinar-se, uma manifestação de atenção, bondade, cura, cordialidade, graça. No Novo Testamento *chesed* e *chen* são traduzidos como *éleos* e seus derivados, mas também como *cháris*, graça.

Todavia, há que reconhecer que estes termos hebraicos e gregos que dizem respeito ao amor e à misericórdia misturam os respetivos significados, sendo usados como sinónimos. A misericórdia está no espaço do amor, que é riquíssimo: indica bondade, benevolência, indulgência, amizade, disposição favorável, perdão, piedade, graça. Tem muitos rostos e também muitos atributos: o amor, a misericórdia de Deus é “eterna”, “fiel”, “preciosa”, “maravilhosa”, “melhor do que a vida”, “estende-se até ao céu”, como cantam várias vezes os salmos.

De um modo mais preciso há que salientar como, na tradução do hebraico para o grego e depois no latim da Vulgata, esta variedade lexical se condensou progressivamente à volta do termo “misericórdia”. Se em hebraico *chesed* é sobretudo o amor-bondade, nas versões antigas este vocábulo é entendido muitas vezes, e assim traduzido, como misericórdia. Basta o exemplo do salmo 136, onde o refrão “*ki le’olam chasdô*” (“porque o seu amor é para sempre”), em latim fica “*quoniam in aeternum misericordia eius*”. Mas este processo, como nota André Neher, tem o seu paralelismo no judaísmo, porque o amor

de Deus foi progressivamente entendido em termos de misericórdia, isto é, em termos de sentimentos profundos, viscerais de ternura. Para o hebraísmo pós-bíblico, existe uma supremacia de *rachamim* sobre *chesed* e *ahavah* (outro vocábulo que exprime a ideia de amor). Os rabinos chegam mesmo a parafrasear o segundo versículo do *Shema' Jisra'el*, "Amarás o Senhor teu Deus" (Dt 6,5), com "Terás misericórdia do Senhor teu Deus", e por isso "Terás misericórdia do próximo como de ti mesmo". É este amor-misericórdia que habita em Deus, que "Deus é" (1 Jo 4,8.16), que levou Orígenes a entrever um Deus não impassível, mas capaz de com-padecer, de co-sofrer connosco. Não se pode deixar de citar um texto seu extraordinário:

"Se o Salvador desceu à terra, é por compaixão da humanidade. Sim, sofreu pacientemente os nossos sofrimentos antes de sofrer a cruz, antes de assumir a nossa carne. Se, de facto, não tivesse sofrido antes, não teria vindo partilhar connosco a vida humana. Primeiro sofreu, depois desceu e manifestou-se. Mas que paixão é esta que sofreu por nós? É a paixão do amor. E o próprio Pai, Deus do universo, "lento para a ira, cheio de compaixão e misericordioso" (cf. Sl 102[103],8 ss), e não será até verdade que também Ele sofre de algum modo? Ou não sabes que quando se ocupa das vicissitudes humanas Ele experimenta um sofrimento humano? Na verdade, "o Senhor teu Deus tomou sobre Si o teu modo de ser tal como um homem toma sobre si o seu próprio filho" (cf. Dt 1,31). Por isso, Deus toma sobre Si o nosso modo de ser, tal como o Filho de Deus assume os nossos sofrimentos. O próprio Pai não é impassível. Se Lhe rezamos tem piedade, compadece, experimenta uma paixão de caridade, coloca-se numa situação incompatível com a grandeza da sua natureza e toma sobre Si as paixões humanas." (*Homilias sobre Ezequiel* 6,6)

2. A misericórdia está na revelação do Nome de Deus

O evento da revelação de Deus ao povo de Israel é um evento de misericórdia: Deus visita Israel por causa do seu sentimento de misericórdia, pelo que é *miser cordia motus*, movido pela misericórdia. Quando Israel se sente oprimida no Egito pelo poder do faraó, Deus experimenta misericórdia, tal como testemunha o livro do Êxodo:

"vi a miséria do meu povo no Egito,
escutei o seu clamor por causa dos seus opressores,
conheço os seus sofrimentos,
descerei a libertá-lo." (Ex 3,7-8)

Nesta palavra do Senhor existe uma dinâmica que indica como Deus vive o amor que Ele é: *vê*, porque o amor de Deus tem um olhar; *escuta*, porque se deixa tocar pela criatura que sofre; *conhece*, porque Se faz próximo; e finalmente *intervém*, porque quer a libertação do mal e de quem o opera.

No capítulo sexto, Deus depois volta-se para Moisés com outras palavras que, todavia, estão no mesmo movimento de êx-tase, de saída de si, como é próprio do amor:

"Eu sou o Senhor (*JHWH*)
 Manifestei-me a Abraão, a Isaac, a Jacob como *El Shaddaj*,
 mas não Me revelei a eles com o meu Nome de Senhor (*JHWH*).
 Estabeleci a minha aliança com eles [...]
 Escutei o lamento dos filhos de Israel [...]
 Recordei-Me da minha aliança." (Ex 6,2-5)

Depois dos verbos que exprimem a tensão em direção à misericórdia, eis aqueles que denotam o agir concreto suscitado pela misericórdia:

"Eu sou o Senhor (*JHWH*).
Subtrair-vos-ei do peso dos carregamentos dos egípcios,
Libertar-vos-ei da sua servidão,
Resgatar-vos-ei com braço estendido [...]
Tomar-vos-ei como meu povo e tornar-Me-ei o vosso Deus." (Ex 6,6-7)

Eis a ação de Deus causada pela sua misericórdia, pelo seu amor para com os *miseri*.

Mas a revelação mais clara e definitiva do nome de Deus, no Antigo Testamento, encontra-se no capítulo 34 do Êxodo (depois daquela do terceiro capítulo conhecida como "sarça ardente": cf. Ex 3,6.14-15). A Moisés, que lhe pede: "mostra-me a tua Glória" (Ex 33,18), Deus responde:

"Farei passar diante de ti toda a minha bondade e proclamarei o meu Nome: Senhor [*JHWH*] diante de ti. Usarei de graça a quem quiser fazer graça [verbo *chanan*] e terei misericórdia com quem quiser ter misericórdia [verbo *racham*] [...]. Mas tu não poderás ver o meu rosto, pois ninguém pode ver-Me e continuar vivo [...]. Então o Senhor [*JHWH*] desceu da nuvem, pôs-Se perto dele e proclamou o nome do Senhor [*JHWH*]. O Senhor [*JHWH*] passou diante dele e proclamou: "o Senhor [*JHWH*], o Senhor [*JHWH*], Deus [*El*] misericordioso [*rachum*] e compassivo [*channun*], lento para a ira e grande no amor e na fidelidade, que conserva a sua graça por mil gerações, que perdoa [lit.:

carrega] a culpa, a transgressão e o pecado, mas não deixa sem punição, que castiga a culpa dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos até à terceira e quarta gerações." (Ex 33,19-20; 34,5-7)

Eis o nome de Deus: misericórdia e compaixão. O ápice deste sentimento de Deus é desvelado pelo profeta Oseias, que revela esta palavra de Deus, precisamente quando o povo de Israel, devido à sua infidelidade, merecia ser recusado e castigado: "o meu coração dá voltas contra Mim, o meu íntimo crepita de compaixão. Não desafogarei todo o ardor da minha ira, não destruirei Efraim, porque sou Deus e não um homem; sou O Santo no meio de ti, e não virei a ti na minha cólera" (Os 11,8-9). Na verdade, Deus confessa que n'Ele, no seu coração, existe um sentimento que o vence, que vai contra Ele, e é a misericórdia que vence sobre a justiça. Ele é Santo, é Outro do que nós, por isso não segue a justiça como os humanos: a santidade de Deus é, sobretudo, misericórdia, que se faz sempre também perdão, e isto é fácil de compreender para quem conhece o Novo Testamento. Jesus é "o Santo de Deus" (Jo 6,69), tal como o proclama Pedro, o mesmo que diante da sua santidade exclama: "Senhor, afasta-Te de mim porque sou um pecador" (Lc 5,8). Mas a misericórdia de Jesus faz com que Pedro se possa aproximar d'Ele. Mais, o grande imperativo do Antigo Testamento: "sede santos, porque Eu, o Senhor, o vosso Deus, sou santo" (Lev 19,2; cf. 1 Ped 1,16), nos lábios de Jesus transforma-se: "sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso" (Lc 6,36) – isto é "perfeitos como o vosso Pai é perfeito" (Mt 5,48) – até ao amor pelos inimigos, tal como "Ele é bom para os ingratos e para os malvados" (Lc 6,35; cf. 6,27).

Numa hermenêutica profunda, a *santidade de Deus é misericórdia*, e, de facto, a santidade pode resplandecer ali onde existe o pecado, cancelando e perdoando o pecado com a sua força. Tal como a luz dissolve as trevas, assim também a santidade de Deus, sendo misericórdia, dissolve o pecado. Mas não apenas isso, pois Deus, para além de perdoar os pecados esquece-os, operação impossível para nós, humanos. Também podemos perdoar os pecados, mas daí chegar a esquecê-los, isso não. Em vez disso, Deus, na sua onnipotência, pode fazê-lo, tal como nos testemunha a tradição rabínica, que comenta as palavras do profeta Miqueias: "Tu (ó Deus), lançarás para o fundo do mar todos os nossos pecados" (Miq 7,19), afirmando que, tal como as pedras lançadas para o fundo do mar não mais se encontram, assim também quando Deus perdoa os nossos pecados não os encontra, esquece-os.

Em Deus, insisto, *existe uma prevalência da misericórdia sobre a justiça*, um primado da misericórdia sobre todos os outros atributos: a misericórdia é o desvelamento daquilo que é a santidade de Deus, a sua compaixão que explode de tal maneira que vence sobre a exigência da justiça. Como afirma

uma passagem admirável do livro da Sabedoria: “[ó Deus], tem compaixão [verbo *eleéo*] de todos porque podes tudo [...] amas [verbo *agapáo*] todas as coisas que existem e não experimentas desgosto por nenhuma das coisas que criaste; se tivesses odiado alguma coisa, nem sequer a terias formado [...] Senhor amante da vida [*philópsychos*]” (Sab 11,23-24.26). Deus é santo, é três vezes santo (cf. Is 6,3). Assim sendo, nós, pecadores, acolhemos a sua santidade como misericórdia: “a misericórdia será sempre maior do que qualquer pecado, e ninguém pode impor um limite ao amor de Deus que perdoa” (Francisco, *Misericordiae vultus* 3). Por conseguinte, Ele é três vezes misericordioso para nós; é um Deus diferente daquele idealizado pelos humanos, é um Deus outro, invertido, “ao contrário”. Tinha razão Friedrich Nietzsche com a sua caricatura cáustica e paradoxal: “Deus morreu; matou-O a sua compaixão pelos homens”; isto é, morreu em Jesus Cristo porque Jesus mostrava a sua misericórdia, e morreu como ideia e projeção humana (o teísmo!), porque é na misericórdia, não na sua potência de demiurgo, que o nosso Deus se manifesta.

A partir da revelação feita por Deus a Moisés, em toda a Bíblia é retomado o seu nome “misericordioso e compassivo”: nos profetas (cf. Gen 42), nos escritos (cf. Ne 9,17; 2 Cron 30,9), sobretudo nos salmos (cf. Sal 86,15; 103,8; 111,1; 145,8-9). Em particular os profetas, precisamente recordando a revelação do nome de Deus a Moisés, nunca deixaram de cantar e de afirmar a misericórdia de Deus e de a pedir como a coisa mais importante e decisiva para a salvação na vida do crente. Oseias, profeta que por ordem do Senhor desposa uma prostituta, além disso adúltera, numa história de infidelidade e de traição, todavia escuta e anuncia esta palavra, marca de toda a sua experiência: “quero misericórdia [*chesed*] e não o sacrifício, o conhecimento de Deus mais do que os holocaustos” (Os 6,6). Deste modo é estabelecido um paralelismo entre a misericórdia e o conhecimento de Deus, um conhecimento de Deus prático, experiencial, vivido pelo próprio profeta, mas também possível a todo o crente. É significativo que no evangelho de Mateus, Jesus cite duas vezes esta palavra profética diante daqueles que queriam o primado da lei, do rigorismo, da justiça:

“Ide aprender o que quer dizer: ‘quero misericórdia [*éleos*] e não sacrifícios’. Não vim chamar os justos, mas os pecadores (Mt 9,13).

Se tivesses compreendido o que significa: ‘quero misericórdia [*éleos*] e não sacrifícios’, não teríeis condenado pessoas sem culpa (Mt 12,7).”

Também Isaías canta este amor de Deus, um Pai que ama com entranhas de Mãe:

"Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebê, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria." (Is 49,15)

Também o próprio Jeremias exprime o amor de Deus em termos de misericórdia visceral:

"Sim, Efraim é o meu filho querido, o meu menino muito amado ... Por isso, as minhas entranhas comovem-se e sinto por ele uma misericordiosa compaixão (Jer 31,20).

Sim, o Senhor tem 'entranhas de misericórdia' (*splánchna eléous*: Lc 1,78), como cantamos todas as manhãs no *Benedictus*. Em síntese, Deus é certamente justo, mas o seu amor misericordioso prevalece sobre a justiça ou, se quisermos, é imanente a essa. Também o afirma Tiago, que além do mais é severo na observância da lei: 'a misericórdia [*éleos*] triunfa sempre sobre a justiça' (Tg 2,13)."

Várias vezes acenou-se ao contraste entre a justiça e a misericórdia, mas em verdade devemos referir que se trata de um falso problema, o qual nasce dos nossos esquemas humanos. Sobre isto é sugestiva, ainda que não apropriada, a imagem rabínica dos dois tronos de Deus, o da justiça e o da misericórdia, porque a justiça funda-se na misericórdia: "*praeparabitur in misericordia solium*" (Is 16,5 Vulgata) e o trono da justiça será fundado na misericórdia. Custa-nos compreender aquilo que não é humano, mas a justiça de Deus vai mais além de toda e qualquer lógica de retribuição ou de mérito. Chegamos a pensar que a misericórdia poderá ser um corretivo da justiça, mas o próprio Deus, como juiz dos homens, não é um executor das leis, antes o próprio legislador. A justiça de Deus é mais do que a justiça das leis. Por isso, não é suficiente para o Homem a justiça das leis, não basta ser "irrepreensível quanto à lei" (Flp 3,6) para ser salvo: quem salva é o Senhor da misericórdia e da graça.

A misericórdia é, por isso, o princípio hermenêutico para interpretar a verdade e, assim, a justiça. Não é por acaso que um discípulo de Paulo recorda que a verdade é realizada na caridade: "*veritatem facientes in caritate*" (Ef 4,15). Já Fílon, ao contemplar a misericórdia de Deus, escreve que em Deus ela apresenta uma precedência ontológica face à justiça. "Todas as tuas obras são justas e todos os teus caminhos são misericórdia e verdade" (Tob 3,2): nunca a verdade sem a misericórdia, nunca a lei sem a misericórdia, nunca a justiça ou o juízo sem a misericórdia. Sim, "a misericórdia [...] é a própria essência do evangelho", assim escreveu o Papa Francisco (carta ao Grande Chanceler da Pontifícia Universidade Católica Argentina, 3 março 2015), o

qual recentemente afirmou: "se não sabemos unir a compaixão à justiça, acabamos por ser inutilmente severos e profundamente injustos" (3 outubro 2015). O coração de pedra é aquele que não tem espaço para a misericórdia, eis porque Deus quer dar-nos um "coração de carne" (Ez 11,19; 36,26), isto é, humano (o Homem é carne!), quer substituir o nosso coração desumano sem misericórdia. Aquilo que decidiu a humanização de Deus, a encarnação do seu Filho Jesus Cristo, foi precisamente o seu amor que, quando sai de Si, quando é extático, é misericórdia. "Deus é amor" (1 Jo 4,8.16), e a misericórdia de Deus é o seu amor operante na história por todo o ser vivente, por todos os necessitados e sofredores, por todos os pecadores: a misericórdia é eterna, atual, escatológica.